

UM MUSEU NA CONTEMPORANEIDADE: O CASO DO MUSEU DAS COISAS BANAIS NO INSTAGRAM

Juliane Conceição Primon Serres¹
Ana Ramos Rodrigues²
Rafael Teixeira Chaves³

RESUMO: Neste artigo apresentaremos o estudo que está sendo desenvolvido através do aplicativo *instagram* do Museu das Coisas Banais (MCB). O MCB é um museu virtual e contemporâneo que utiliza o ciberespaço para coleta e exposição de objetos pessoais. Além do *website*, os objetos são apresentados por meio de outras ferramentas digitais. Recentemente foi incorporado o *instagram* às ferramentas utilizadas pelo MCB para expor as peças do acervo virtual. O uso desta ferramenta possibilitou outros tipos de abordagens indo além de ser meramente um dispositivo de comunicação. Assim, o MCB tem a missão de preservar e compartilhar memórias de objetos tidos como banais através da rede, atuando como suporte de compartilhamento informacional e de comunicação museológica.

PALAVRAS-CHAVE: museu virtual – objetos banais – *instagram*

1. INTRODUÇÃO

O Museu das Coisas Banais (MCB) é um museu virtual que existe apenas na internet e está voltado para a preservação e o compartilhamento da memória e para a reflexão sobre a cultura material do tempo presente. Criado em 2014 o MCB é um projeto de pesquisa vinculado ao Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). A proposta deste projeto é trazer para o mundo virtual objetos do cotidiano com as suas histórias visando uma aproximação do museu com seu público.

O acervo do Museu é participativo, pois, os usuários enviam suas fotografias de objetos juntamente com sua narrativa, assim compartilhando memórias afetivas, que ao entrar no espaço expositivo se tornam coletivas. Os usuários interagem através da postagem de um objeto pessoal. O objeto passa a integrar ao acervo do Museu a partir do preenchimento da ficha disponível no site⁴ do MCB.

¹ [COMPLETAR DADOS]

² Doutoranda em Políticas Públicas (UFRGS). Professora substituta do Curso de Museologia do Departamento de Ciências da Informação da UFRGS. E-mail: ana.rodrigues@ufrgs.br

³ [COMPLETAR DADOS]

⁴ Ficha disponível em: <<https://wp.ufpel.edu.br/museudascoisasbanais/envie-seu-objeto/>>

Este texto apresenta o estudo de caso da mídia de interação social, *instagram* que se configura como uma ferramenta de compartilhamento de informações multimídias, principalmente no formato de fotos e vídeos.

O Instagram do MCB vem demonstrando que pode ser um instrumento de análise museológica, possibilitando atividades como estudo de público a partir da interatividade com o usuário, neste caso chamado de seguidor. Um exemplo desta relação acontece quando, através da postagem da logo do Museu procura-se saber como os seguidores a avaliam e como aquela imagem pode fortalecer este laço criado através das conexões construídas pelas memórias compartilhadas a ferramenta não só de comunicação, mas como uma plataforma museológica trabalhando com estudo de público, cidade, profissão, gerando perguntas aos usuários, como por exemplo, o que eles estão achando do logo do Museu.

Conforme Federico Caselegno (2006 p.19), a memória coletiva toma forma quando toda coletividade pode acessá-la e nutri-la, por que são os indivíduos que participam de sua criação.

Esta interatividade permite a aproximação e a elaboração de uma curadoria, pretende-se a criação de um banco de dados *on-line* para que o próprio usuário cadastre seu objeto/memória que será compartilhado no aplicativo, desta forma cria-se uma sistematização das informações levantadas além da disponibilização destas ao longo do tempo.

2. OS USOS DAS REDES SOCIAIS

Assim, nesse primeiro momento é possível aferir que o uso das redes eletrônicas sociais de compartilhamento de memórias em um Museu virtual pode ser uma ferramenta de coleta, interatividade, e comunicação, criando condições para um diálogo mais próximo com o público. Neste caso, trabalha-se com representações dos atores sociais, ou com construções indenitárias do ciberespaço. (RECUERO, 2009. p 25).

O MCB apresenta diferentes objetos, os quais são representados através de fotografias dos seus seguidores, cada fotografia traz consigo uma narrativa particular e ao mesmo tempo de uma coletividade, que de alguma forma, se identifica com essa, possibilitando assim uma troca entre emissor da informação e receptor/espectador tornando desta forma este processo dinâmico e multidirecional.



Fonte: <https://www.facebook.com/media/set/?set=a.570766153054445.1073741831.509757732488621&type=3>

Os objetos que antes desempenhavam um valor afetivo particular de um indivíduo, ganha um novo status onde essa relação deixa de ser pessoal, e através da mediação e interação ocorridas na utilização do Instagram percebe-se o reestabelecimento de uma memória que em algum momento fazia parte do cotidiano destes seguidores. O uso do *instagram*, como uma ferramenta de interação social nas redes sociais tem demonstrado ser uma solução dinâmica e contemporânea aos processos museológicos e de compartilhamento de memórias e do patrimônio material e imaterial e suas representações. As redes sociais, segundo MARTELETO (2001, p.72).

Cada usuário quando vai registrar seu objeto acaba sendo direcionado para a ficha de inventário disponível online no site institucional. Na ficha de inventário o usuário 90% dos objetos que estão enviados para o acervo do MCB, os usuários souberam do Museu através do Instagram conforme a figura a seguir de parte da ficha;

A imagem a seguir apresenta as opções que os visitantes tem de mostrar de onde souberam do Museu, a maioria, vem do Instagram.

Como tomou conhecimento do Museu das Coisas Banais?



Fonte: <http://wp.ufpel.edu.br/museudascoisasbanais/envie-seu-objeto/>

Cria-se assim uma identificação entre os usuários com a livre participação de todos, colocando em discussão o papel dos objetos como suportes de memória afetiva, e colocando no cotidiano plataformas museológicas nas redes sociais. Os museus vêm utilizando esses espaços virtuais como suportes de informação, bem como as novas tecnologias e redes sociais.

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um "sentido de si" estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento—descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos — constitui uma "crise de identidade" para o indivíduo. (HALL, 2006, p.09-10)

Conforme Francisco Ramos (2004, p.84) a composição coletiva de espaços de trabalho com a memória assume, desse modo, um papel de significativo impacto, com isso criando um local de reflexão sobre as memórias, através de objetos. Possibilitando uma aproximação do público com os museus e permitindo uma grande interatividade, não apenas entre público e museu, mas entre os usuários. Para conseguir mensurar isto, juntamente com o também acadêmico do curso de Ciência da Computação da Universidade Federal de Pelotas, através do voluntário do MCB, Luan Einhardt, desenvolveu uma ferramenta: <http://museudascoisasbanais.com.br/instagram/mapa/>

Mapa dos seguidores do MCB



Fonte: <http://museudascoisasbanais.com.br/instagram/mapa/>

A partir, desta ferramenta é possível acompanhar a localização dos cerca de cinco mil seguidores do projeto no *instagram*. Objetos cercados de afetos e memórias do Brasil inteiro estão, aos poucos, sendo registrados no Museu das Coisas Banais, que está sempre em busca de interação com o público. Com isto, apresentando a possibilidade da visita ao Museu em qualquer lugar e hora.

A pesquisa acompanha dois formulários *online* para pesquisa de opinião: o primeiro está relacionado ao que os estudantes de Museologia acham de um museu no *Instagram*?⁵ O segundo, formulário condiz com uma pesquisa de opinião. Direcionado aos profissionais de Museus, Redes Sociais, Comunicação. Para saber o que acham de um Museu no Instagram?⁶

Inspirado na pesquisa do Octave Debary 2010, o MCB vem realizando ações no Mercado das Pulgas de Pelotas\RS, onde cada expositor apresentam objetos, os quais muitos não estão encontram-se a venda e somente para contemplação, o expositor escolhe um objeto de seu afeto, logo em seguida ele conta a história do objeto, é postado no *instagram* com a seguinte chamada: *Vamos Brincar?* A partir da história inicial do expositor, cada usuário realiza a continuidade da história, e produzem novos relatos no *Instagram*.

⁵ Disponível em:

https://docs.google.com/forms/d/1kzv3nxeQBCrWw10eePxJiZvgSBzDufwGHu_Tub0uN94/edit?c=0&w=1&edit_requested=true&pli=1 Acesso em 02/02/2015

⁶ Disponível em: https://docs.google.com/forms/d/1IRuyRWHQpdxV9BXZr8-hpxDgHPtmwcnMohwM9UEWX3Q/viewform?c=0&w=1&edit_requested=true Acesso em 02/02/2015

VAMOS BRINCAR?



CONTINUE A HISTÓRIA...

Fonte: <https://www.instagram.com/p/BA5ePgqMAIW/?taken-by=musedascoisasbanais>

3. DEPOIMENTOS DOS USUÁRIOS

O artigo apresenta o exemplo de uma destas histórias, através da história inicial narrada pelo seguinte expositor, que todos os sábados são coletados no Mercado um objeto com os expositores, cada um com sua história e peculiaridade, pois estes não estão à venda, somente para expor:

Estas duas xícaras de chá, elas foram de uma senhora que veio da Espanha morar aqui no Brasil. Ficou viúva aos 24 anos, quando ela ficou mais velha adoeceu e eu fui cuidar dela. Quando ela faleceu fui cuidar do genro dela e com a morte do genro, eu fui cuidar da filha dela então eu fiquei na família quase 20 anos, então quando ela faleceu me deram vários objetos onde eu guardo até hoje com muito carinho estas xícaras de chá, e por que com muito carinho? Por que nestas xícaras nos tomávamos chá quando eu chegava para cuidar dela, chá com bolachas [...] {falta o nome hoje já consigo)

Os usuários realizam a continuidade desta história a partir deste relato:

- [emiliamatiaslima](#) Na casa havia um belo jardim interno e nós sentávamos em uma varanda para conversar. Ela contava histórias de sua família e do povoado na Espanha. Como sabia que eu gostava de poesia, ela declamava poemas diversos. Não esqueço quando a ouvi dizer, de Florbela Espanca: " É pensando nos homens que eu perdoos aos tigres as garras que dilaceram."...
- [rosangela.oliveira82](#) Estas duas xícaras que se enchem de chá, hoje se enchem de saudades das histórias da Espanha, das bolachas, dos contos ilimitados de uma

vida preenchida de amor e humildade de uma Senhora que dedicou mais de 20 anos da sua vida a uma família. Entretanto, até os dias de hoje estas duas xícaras contam as estórias das estórias de uma vida....

- [tchellonamaste](#)... de uma vida misteriosa, com aroma de mistérios... uma vida dupla, assim como as duas xícaras, era a representação daquela história de uma senhora que talvez fosse sozinha, mas nunca solitária... ela tinha um hábito incomum de...
- [melzinhareggaehotmailcom](#)... de todo fim de tarde servir chás as suas visitas, reuniões na sua casa era de lei. Era chás quentinhos e gelados tudo que é sabor, risadas pra todo lado...
- [joabegaroz](#)i Porque a vida tinha dessas artes. Uma hora era solidão e vazio no corredor; outra hora risadas e olhares brilhantes que enchiam o vazio de felicidade. Maria sabia que o amor não era feito pra todos. Mas a solidão, ah! Essa era feita!
- [lucianabiffi](#)Imersa na dualidade de amar e não ser correspondida, Maria decidiu mudar a rotina! Hoje não tomaria chá, e sim café! Num lugar onde nunca tinha ido antes, para esperar as brincadeiras que o destino reservava para ela, que ela chama de acaso.
- [joabegaroz](#)i Sentou-se numa das mesas vazias do lugar. Olhou além das demais mesas e pode ver o sol se escondendo no horizonte. Lembrou-se que não se lembrava mais de como era o por do sol. Pediu o café e aos poucos as mesas iam ficando ocupadas. Mas talvez imersa no jogo de luzes que o sol projetava no céu, Maria não se dava conta da movimentação e menos ainda que na mesa ao lado alguém lhe dirigia olhares.

Assim Octave Debary, afirma que história museal e patrimonial repousa sobre essa mesma lógica de revalorização dos restos da história. As dinâmicas patrimoniais que emergem em decorrência de situações de ruptura histórica se fazem acompanhar, com frequência, de uma política de conservação daquilo que desaparece, ainda sim conclui que a segunda-mão designa tanto um objeto do passado quanto um momento presente. O valor espectral do objeto me reporta ao que sou ou ao que não sou mais. O que não sou

mais senão através de um objeto, que se transformou em resto e que se contrapõe ao desaparecimento a ao esquecimento, tornando assim presente o que é ausente. Como denominar esse poder de ressurreição? Uma lembrança. Lembrança que se vai buscar, remexer e fazer sair da memória de um sótão como naquele de um museu etnográfico. Uma lembrança retomada pelos outros e que existe por si.

Segundo Francisco Ramos (2004 p.32) os objetos são “geradores” motivando a reflexão sobre a relação entre o sujeito e objeto; por isso é importante perceber a vida dos objetos, entender e sentir que os objetos expressam traços culturais, que os objetos são criadores e criaturas do ser humano.

Os objetos têm mais sorte do que nós. Retirados de um sótão, de um porão, até mesmo de um descarte, podem ser expostos em um grande dia no qual se beneficiam do sol, do vento, da chuva. Quem dentre nós poderá dizer ter tido uma segunda existência senão o Cristo e mesmo para ele, essa segunda vida foi bastante breve (SANSOT, 2006 p. 39).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo Concluindo que o uso deste aplicativo está atendendo e sendo aceito pelo público, nota-se já no formulário que a pesquisa apresentada é única e inovadora. Problematizando como o museu preserva?

As pessoas são o que elas dizem e narram sobre si; suas memórias, portanto. Se o MCB opera na ativação das memórias, mantendo-as vívidas individual e coletivamente, contribui para a conservação dos indivíduos. O Museu preserva a memória por intermédio de vestígios (aparentemente banais) de nossa existência; vestígios esses que servem de pretexto para falarmos sobre quem nós somos, ou gostaríamos de ser. O MCB salvaguarda, nesse sentido, aquilo que é mais pujante nos objetos: o metafísico, o sentimento, o sensível, enfim, tudo aquilo que se refere ao nosso patrimônio afetivo – e que as pessoas não conseguiriam enxergar somente ao flertá-los.

A memória afetiva de uma época em que tudo evolui muito rápido e o descarte de objetos, modas, tendências, estilos e tantas outras coisas acontece de forma quase que predadora. Mas o MCB prova que nem tudo é tão descartável assim, ao menos para algumas pessoas.

As histórias e memórias das pessoas, através de seus objetos. Mesmo que sejam "virtuais", estes existem, numa forma de inventário participativo via *internet*. E Como se conserva os "objetos" do MCB?

Elementar: abrindo a possibilidade de escuta – aliás, qualidade ainda rara em museus convencionais. Mas existem várias formas de compreender a conservação. Do ponto de vista operacional, no que tange ao *hardware*, conserva-se a informação por meio de *backups*, ou qualquer outra estratégia condizente à segurança de informação em novas tecnologias. Mas prefiro pensar na forma mais sensível de conservação, no *software*, que redonda em conservar o espírito do objeto. Quando o Museu coleta depoimentos conserva; quando cria formas de registro e sistematização das memórias, conserva; quando cria instrumentos de extroversão da informação, para que as pessoas se encantem e criem conexões com sua própria vida, conserva igualmente. O dia em que o entendimento de conservação for abreviado em temperatura, umidade e intervenções no universo físico da cultura material, estaremos perdidos...

Através da participação espontânea das pessoas, do registro fotográfico, do relato que explica a relevância da 'peça' escolhida.

[Proponho uma tabela para estes dados, assim ficaria melhor a organização]

Os mais de 5 mil seguidores do *Instagram* do Museu como visitantes?

90% consideram então os usuários do *Instagram* do MCB, visitantes.

O *instagram* possui 2 opções de interação, sendo através de curtidas e comentários, onde já ultrapassam 41 mil curtidas e 13 mil comentários. Através do aplicativo o Museu está recebendo acervo, e a doação é concluída somente após o preenchimento da ficha de inventário online, que pode ser preenchida pelo celular. Isto seria um novo mecanismo de criação de coleção?

95% consideram um mecanismo contemporâneo de criação de coleções.

Considera acervo os álbuns e as coleções de texto e imagens da sua rede social?

80% consideram acervo suas postagens nas redes sociais

Os seguidores são de diversos lugares e através de uma postagem interagem com os outros usuários na sua opinião seria uma comunidade?

70% Consideram comunidade

É Museu ou Não é Museu?

99% consideram um Museu no *Instagram*

Nestes questionários foram entrevistados profissionais e estudantes e os usuários do Instagram somando 611 entrevistados. O Instagram do MCB vem demonstrando que o público pode interagir com as práticas da instituição, utilizando as ferramentas disponíveis no aplicativo, como curtir, comentar, compartilhar. Também possibilita o contato direto com o museu através de mensagens, sendo elas privadas ou não, desta forma possibilita ao usuário a criação de uma curadoria própria e compartilhada com os demais indivíduos que ali interagem. Esse tipo de abordagem mostra que o Instagram vai além de uma rede de compartilhamentos e se torna uma ferramenta de comunicação museológica.

Segundo Pierre Lévy [...] O mundo humano é 'virtual' desde a origem, bem antes das tecnologias digitais, porque ele contém em toda parte sementes de futuro, possibilidades inexploradas, formas por nascer que nossa atenção, nossos pensamentos, nossas percepções, nossos atos e nossas invenções não deixam de atualizar. (2001, p. 137).

Neste sentido, o público passa a ter um caráter muito participativo, além de espectador, essas tecnologias aplicadas à museologia permitem uma grande interatividade entre público-museu, público-acervo e público-público.

BIBLIOGRAFIA

[COLOCAR A REFERENCIA DO LÉVY e arrumar referências conforme ABNT]

ALBERTI, et al. "Worlds Otherwise" Archaeology, Anthropology, and Ontological Difference. In.: Current Anthropology, Vol. 52, No. 6. Wenner-Gren Foundation for Anthropological Research, The University of Chicago Press, 2011. Pg. 896-912.

BAUDRILLARD, Jean. O sistema dos objetos. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2009.

BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. Traduzido por: Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes: 2000.

BALLART HERNÁNDEZ, Joseph; TRESSERAS, Jordi Juan i. Gestión del patrimônio cultural. Barcelona: Ariel, 2007.

BERGSON, Henri. Matéria e memória: Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Traduzido por: Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BOSI, Ecléa. Memória e sociedade: lembranças de velhos. São Paulo: Edusp, 1994.

DESVALÉES, André; MAIRESSE, François. Conceitos-chave de Museologia. Tradução: BRULON, Bruno; XAVIER, Marília. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus: Pinacoteca do Estado de São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 2013. Disponível in:

http://icom.museum/fileadmin/user_upload/pdf/Key_Concepts_of_Museology/Conceitos-ChavedeMuseologia_pt.pdf. Acessado em 09/02/2015.

POMIAN, Krzysztof. Coleção. In: Enciclopédia Einaudi, volume 1, Memória-História. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1997.

RADLEY, Alan. Artefacts, memory and a sense of the past. In *Collective remembering: Inquiries in social construction series*. London: Sage Publications, 1994.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. A danação do objeto: o museu no ensino de história. Chapecó: Argos, 2004.

RIEGL, Alois. El culto moderno a los monumentos: caracteres y origen. Traduzido por: Ana Pérez López. Madrid: La balsa de la Medusa, 2008.

ROCHE, Daniel. História das Coisas Banais. Nascimento do consumo séc. XVII-XIX. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SCHEINER, Teresa Cristina. Apolo e Dioniso no templo das musas. Museu – çGênese, idéia e representações na cultura ocidental. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura, Universidade Federal do Estado do Rio e Janeiro – UFRJ. Rio de Janeiro, Brasil, 1998, p.89.

HENRIQUES, Rosali – Museus Virtuais e Cibermuseus: A internet e os museus. Portugal, 2004.

REGIS, Francisco Ramos. A Danação do Objeto. O Museu no ensino da História. Ed Argos; Chapecó 2004.

CAMPOS, Marcela Saad; MACHADO, Polyana Muniz. Como o uso das hashtags na publicidade pode contribuir para a viralização de campanhas: um estudo de caso sobre a campanha #SomosTodosMacacos. Disponível em: <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/9395/1/2014_MarcelaSaadCampos_PolyanaMunizMachado.pdf>. Acesso em 09 jul. de 2015

Octave Debary Segunda mão e segunda vida: Objetos, lembranças e fotografias Revista Memória em Rede, Pelotas, v.2, n.3, ago.-nov. 2010.

CASALEGNO Federico, Memória Cotidiana editora sulina p 19 2006 Porto Alegre.

CIBERCULTURA LÉVY PIERRE 2010 EDITORA 34 SÃO PAULO

HENRIQUES, Rosali, A experiência do Museu da Pessoa: a história do cotidiano em bits e bytes. Disponível em: <http://www.encontro2012.historiaoral.org.br/resources/anais/3/1329247967_ARQUIVO_historia_oral_rosali.pdf> Acesso em 01 de Outubro. de 2015 em 18:00.

MCB disponível em: <http://wp.ufpel.edu.br/museudascoisasbanais/> Acesso em 09 jul.2015, 20:50.

PIZA, Mariana Vassallo. O fenômeno Instagram: considerações sob a perspectiva tecnológica. Disponível em: <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/3243/1/2012_MarianaVassalloPiza.pdf>. Acesso em: 09 jul. 2015, 20:15.

RAMOS, Francisco, A Danação do Objeto chapecó ed argos 2004.

RECUERO, Raquel. Redes Sociais na internet. Porto Alegre, Ed Sulina: 2014. <http://www.museudapessoa.net/public/editor/museus_virtuais_e_cibermuseus_-_a_internet_e_os_museus.pdf> 01 de Outubro de 2015 em 18:00.

